



BIBLIOTECAS
MUNICIPAIS
DE LISBOA

ALMA NOVA – *Quinzenário académico* editado em 2 e 17 de novembro de 1931 (2 números), com dimensão de 38,5 x 26,5, com 10 (n.º 1) e 8 páginas (n.º 2). A administração e redação foram sediadas no n.º 27 da Rua da Costa do Castelo, em Lisboa. A propriedade era do Grupo de Alunos da Escola C. Veiga Beirão e o editor foi Manoel Borges. A revista era composta e impressa na Futurista Gráfica (Rua Antero de Quental, 16, em Lisboa). A direção e administração foram de **Manuel Bernardes Benavente**. Os seus redatores foram A. Tavares de Carvalho e António Pinto de Magalhães [sic]. As assinaturas podiam ser de 5 (2\$50) ou 10 números (5\$00), sendo cada número vendido a \$50. Os anúncios tinham diversos preços, desde 160\$00 (1 página) a 10\$00 (1/16 de página). Surge um anúncio do Colégio Nun'Álvares, localizado na Quinta da Nazaré (Lumiar) e do mestre de caligrafia Francisco da Cruz Louro. Ambos os números foram visados pela Censura.

Ao iniciar a sua publicação, os redatores saúdam “a academia e a imprensa de todo o país”, como se lê em rodapé da primeira página, onde explicam os propósitos – **um jornal de académicos**. Para, de seguida, sublinharem “os elos morais” que lhes deviam atrair, o fundamento de um novo órgão representante do “movimento de solidariedade, o traço de união entre toda a população académica”. Mas vão mais além, porque pretendem sintonizar-se com aquilo a que chamam de “renovação dos nossos dias” na Europa, onde – escrevem – “há-de surgir o revigoramento das nacionalidades”.

Ainda nesta página de abertura, um artigo do cenógrafo e jornalista Pinto de Magalhães insurge-se contra o desvio de oficiais do Exército e da Armada das suas profissões, após o advento da República, para serem colocados em esferas de atividade social fora da sua preparação cultural (companhias agrícolas coloniais, empresas mineiras e indústrias), o que impunha a necessidade de uma profissão se seguir ao ensino da mesma.

Sente-se uma indisfarçável sintonia com os novos tempos do regime político português. Para além do sentimento nacionalista, outros artigos sintonizam-se com aquilo que eram as preocupações da época: **o problema da educação física, a higiene coletiva e o flagelo do cancro (a par da tuberculose e da sífilis).**

Há uma incursão pelo cinema, ao se apresentar a última película de Fritz Lang, “Matou!”, o primeiro filme sonoro deste autor, uma obra fundamental do cinema, que apenas estrearia, em Portugal, no ano seguinte (10 de Novembro de 1932, no São Luiz). Mas também pela literatura, com a apresentação de Joseph Conrad, escritor polaco de língua inglesa.

No segundo número, **o problema das instalações escolares em Lisboa é o tema central da primeira página.** Ao lado, a lembrança do 11 de novembro [1916], como data de entrada de Portugal na Grande Guerra, e o 9 de Abril [1918], na Batalha de La Lys, com a avalanche germânica sobre as tropas

portuguesas. Do outro lado, o registo dos elogios ao primeiro número de *Alma Nova*, mas também sobre quem “mais alfinetou”.

Dos originais escritos enviados para a redação para publicação, M. Benavente informa, numa coluna na última página, que parte dos artigos ou poemas saíam no número seguinte, mas de outros refere que um artigo sobre o 21º aniversário da implantação da República “já perdeu a oportunidade”, um outro não pôde ser publicado devido à sua extensão e uns versos eram muito ingénuos.

Neste número, já se anunciavam estes e outros títulos do próximo, mas este não viria a conhecer edição. O administrador Manuel Bernardes Benavente pedira a demissão, sendo substituído por Júlio de Sousa Gonçalves. Será que foi esta mudança a principal razão do fim deste curto periódico?

Por Jorge Mangorrinha

Lisboa, 17 de outubro de 2013.

FONTES: *Alma Nova*. Lisboa: Manoel Borges, 1931.